



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**LUCIENE ROGÉRIO DE SOUZA**

**O NEGRO E O FRACASSO ESCOLAR: NA CONTRAMÃO DE UM SISTEMA  
HERMÉTICO – ESCOLA ABRIGO DOS FILHOS DO POVO**

**SALVADOR-BAHIA  
2008**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**LUCIENE ROGÉRIO DE SOUZA**

**O NEGRO E O FRACASSO ESCOLAR: NA CONTRAMÃO DE UM SISTEMA  
HERMÉTICO – ESCOLA ABRIGO DOS FILHOS DO POVO**

Monografia apresentada ao Colegiado de  
Pedagogia da Universidade Federal da  
Bahia, como requisito para conclusão do  
Curso de Pedagogia sob a orientação do  
Professor Dr. Pedro R. J. Abib.

**SALVADOR-BAHIA**  
**2008**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**LUCIENE ROGÉRIO DE SOUZA**

**O NEGRO E O FRACASSO ESCOLAR: NA CONTRAMÃO DE UM SISTEMA  
HERMÉTICO – ESCOLA ABRIGO DOS FILHOS DO POVO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence**

---

**Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence**

**ORIENTADOR PEDRO R. J. ABIB**

## **EPÍGRAFE**

“A grandiosa revolução humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda humanidade”(Daisaku Ikeda)

## **DEDICATÓRIA**

A todas as crianças sem distinção de qualquer espécie.

## **AGRADECIMENTOS**

Espero em poucas palavras externar os meus sinceros agradecimentos a todos e todas que contribuíram de forma direta/indireta. A jóia mais brilhante de todo universo, minha mãe Sônia Maria Rogério de Souza, a luz mais intensa da minha vida, minha filha Camile Rogério Marques, meu pai de humor invejável, João Lúcio de Souza, minhas amigas do G7 (amigas da faculdade) pelos incansáveis esforços empreendidos nos estudos acadêmicos, meus queridos avós maternos e paternos de “sapiência” respeitosa, amigos e familiares, muitíssimo obrigada!

## **RESUMO**

O presente estudo reúne as contribuições teóricas sobre as relações étnico-raciais defendendo uma Educação fundamentada no respeito à diversidade, na alteridade, na dialética que deve existir entre os indivíduos na escola. Por isso, entende-se que é preciso evidenciar a presença do Racismo e suas possíveis conseqüências que por sua vez podem gerar o fracasso de crianças negras nas escolas públicas brasileiras, visto no baixo desempenho escolar destas. Para tanto foi realizada uma investigação empírica na Escola Abrigo dos Filhos do Povo, localizada em bairro de maior concentração da população negra, por meio de estudos em fontes documentais e utilização de instrumentos (questionários e formulários) distribuídos entre alunos negros e professores. Por fim, teve-se como conclusão que não há presença acentuada de manifestações racistas que cheguem a acidentar ou dificultar a inserção desses alunos na escola, porém que o estudo servirá como um alerta para investigar o baixo desempenho de negros no espaço escolar.

**Palavras-Chave:** Desempenho, Diversidade, Fracasso, Racismo.

## **SUMÁRIO**

### **RESUMO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2. A TRAJETÓRIA DO NEGRO NA HISTÓRIA</b>	14
<b>3. O NEGRO NO CONTEXTO ESCOLAR</b>	17
3.1 Definição dos conceitos: preconceito, discriminação e racismo	19
3.2 A origem do fracasso: antecedentes raciais	23
3.3 A imagem do Negro no Livro Didático	28
3.4 A realidade das crianças negras na escola	33
<b>4. CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	
4.1 Opção do Método	37
4.2 Percurso da Investigação	38
4.3 Resultados Apresentados	39
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES</b>	
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	
<b>7. ANEXOS</b>	



## 1. INTRODUÇÃO

A partir da vivência na disciplina Movimento Negro e Educação: trajetória de uma luta histórica, disciplina oferecida no semestre 2007.1 na Faculdade de Educação da UFBA como TEE (Tópico Especial de Educação), tive a oportunidade em ler diversos textos que falavam a respeito de negros. Isso até então não havia acontecido na minha vida nem no ensino fundamental nem no ensino médio e tão pouco na Universidade. Eram textos aprofundados sobre questões de relações étnico-raciais, luta do movimento negro, preconceito racial, discriminação racial, racismo, estereótipos, entre outras questões voltadas para essa temática. Essa disciplina contribuiu de forma ímpar para minha afirmação enquanto mulher negra.

Em 2005 aconteceu um episódio constrangedor comigo. Entendo que se tivesse ouvido certas informações a respeito de afirmação, identidade, auto-estima, não teria tido vergonha, pena, medo de ser quem sou. Era pesquisadora do Instituto Data Folha de São Paulo e nos meus trabalhos de campo, como de costume ia a alguma cidade do interior da Bahia, Sergipe e/ou Alagoas.

Numa cidade do interior da Bahia, em Santa Maria da Vitória fui alvo de um comentário de uma jovem senhora que se encontrava no interior da sua casa. Ela estava acompanhada de duas crianças (filhos de certo) e disse as seguintes palavras: “Vamos entrar meninos porque senão, o bicho vai te pegar”. No momento da sua pronúncia ela falava e seus olhos se dirigiam a mim. Então percebi que o lance era comigo. Imediatamente procurei o posto policial e narrei o ocorrido. Os policiais pediram para que os levasse a casa da senhora.

Chegando lá, ela percebeu com estranheza a minha presença acompanhada de dois policiais e se fez de desentendida. Mas não foi muito difícil lembrar para ela o porquê da nossa presença. O policial apresentou minha queixa e ela de início negava, no entanto ela se contradisse passando a dizer a verdade. Disse que não houve má intenção por parte dela. O policial sugeriu que eu decidisse leva-la ao módulo para registrar a queixa, mas não aceitei porque ela estava com duas crianças pequenas. Ao final ele pediu que ela se desculpasse e que nunca mais cometesse aquele erro.

Voltando as considerações preliminares, hoje vejo de modo mais claro como o racismo está impregnado na nossa sociedade que inconsciente/conscientemente a usa na sua forma mais velada e/ou explicitamente como nesse caso já apresentado. Não entendia muita coisa a respeito de direitos humanos, mas naquele momento tive a “feliz idéia” de procurar um aparelho do Estado para garantir meus direitos.

Tento imaginar quantas crianças negras já passaram por uma situação similar ou que foram alvo de brincadeiras, piadinhas na escola e/ou fora dela tendo como referencial a cor da sua pele. E em específico na escola tais construções implicam na baixa auto-estima, desinteresse, desanimo, fazendo com que fracassem no sistema de ensino.

Na elaboração do título pude visualizar que o sistema educativo não oferece condições necessárias para “estadia” desses alunos na escola, faltando-lhes estímulos por parte de alguns professores, colegas e do próprio livro didático. A idéia de democratizar o acesso à escola não garantiu de fato a permanência de alunos pobres e negros, causando-lhes os fenômenos tão conhecidos nos meios educacionais, *evasão e repetência*. Quando coloquei nos termos “na contramão de um sistema hermético” quis simbolizar que o sistema é fechado porque a cada ano de escolaridade poucos conseguem concluir o ensino fundamental desistindo no meio do caminho. Aqueles que ficam no meio do caminho são, na maioria, crianças pobres e de origem afrodescendentes. E, sendo este um sistema fechado à criança negra resiste menos que as crianças não-negras.

Foi pensando nas crianças negras que decidi investigar como ocorrem na prática às manifestações do racismo na escola e como isso leva ao fracasso escolar. Assim sendo, pensei na Escola Abrigo dos Filhos do Povo que escola fica situada no bairro da Liberdade, onde há uma maior concentração da população negra em relação aos demais bairros da cidade de Salvador/ Bahia. Então comecei a imaginar que o índice de evasão e repetência nessa escola seria acentuado em crianças negras da região e adjacências.

Esta inquietação surgiu em mim por entender que estas crianças encontram uma série de dificuldades relacionadas aos aspectos sociais (falta de saneamento básico, precariedade do sistema público de saúde e de educação, desestruturação familiar, entre outros) e numa outra dimensão, de questões de raça (preconceito, discriminação, racismo). Esses últimos são gerados por pessoas de forma inconsciente ou até

consciente, mas o grande perigo é quando tais manifestações ocorrem de modo subliminar, porque é difícil categorizar podendo acontecer no ambiente escolar, na sala de aula e acontece no livro didático fazendo com que a criança negra sinta falta de referências negras que consigam ir além do chicote, da senzala ou da representação folclórica do Saci, nos discursos dos professores que por consequência, levam a criança negra a perder sua identidade. Um outro ponto a ser mencionado é o não-cumprimento da Lei 10.639/03 (pelos professores/instituição) que obriga os estabelecimentos de ensino público e privado o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Lei já alterada 11.645/08). Não sei se por desinteresse ou pela sua formação que não suscitou essas questões deixando grandes lacunas.

Se existem aspectos que neguem a existência da criança negra na escola é relevante identificá-los para combatê-los. Estes podem surgir na prática de professores, nas brincadeiras “inocentes” nos colegas da escola que confirmam velhos preconceitos inconscientes sobre negros. Derrubando essas práticas discriminatórias pode-se garantir de um lado, um melhor desempenho escolar em crianças negras e de outro, um convívio mais pacífico entre os pares.

As manifestações do racismo contribuem de forma brutal para o não reconhecimento do negro enquanto pessoa humana (não reconhecimento porque já conhecemos o negro da forma que nos foi apresentada ao longo da história). A grande proposição desse trabalho é “derrubar” a afirmação de muitos, inclusive teóricos que sustentam/defendem a idéia de que não há racismo no Brasil.

Acredito que esta investigação poderá ajudar a esclarecer se o fator racial influencia de forma significativa na aprendizagem de crianças negras e, se a “ausência” do preconceito, da discriminação e do próprio racismo colabora para uma aprendizagem mais rica. Se no lugar desta (ausência) ocorre o respeito mútuo, o apreço às contribuições de povos africanos e afrodescendentes na formação do povo brasileiro, o conhecimento da idéia sobre o conceito de raça humana sem segregações de qualquer espécie, a criança negra não se ocupará com pensamentos de inferioridade em relação às demais crianças não-negras.

Esse estudo buscará ainda contribuir na identificação dos motivos que levam ao sucesso destas, mesmo diante das dificuldades já apresentadas dentro e fora da escola. Essa

investigação poderá contribuir na compreensão de que o fracasso escolar não está associado somente ao fator social (como se fosse a única causa da origem do fracasso), mas também racial. Ser negro e pobre é ser mais massificado, mais recalcado pelo sistema seja de qualquer origem, inclusive pelo sistema educacional.

Uma pergunta se faz necessária: Por que a maioria das crianças negras fracassa nas séries iniciais? Esta será uma pergunta constata no estudo.

No que se refere às bases teóricas do estudo, inicialmente garimpei alguns artigos do livro “Erro e Fracasso Escolar: alternativas teóricas e práticas” de Júlio Groppa Aquino. No artigo “Sobre Diferenças individuais e diferenças culturais” a autora Marta Kohl de Oliveira elenca três tipos de diferenças que podem dar origem ao fracasso. Um outro artigo publicado na mesma obra cujo título é “Mal-estar na escola contemporânea: erro e fracasso em questão” de Aquino trata das classificações que os professores dão aos seus alunos quando estes apresentam algum tipo de dificuldade no decorrer da aprendizagem. Seguindo a discussão Aquino traz o modelo da escola contemporânea que hoje se ocupa de questões que não estão em seu domínio fazendo entender que “de quem é o fracasso?”, deslocando a “culpabilidade” do aluno para a própria escola.

Na obra “Superando o Racismo na escola” de Kabengele Munanga encontrei um artigo que narra a história sobre o surgimento do Racismo de autoria de Antonio Olímpio de Sant’Ana e um outro que traz as definições das variantes do racismo (preconceito, discriminação) de Verá Neusa Lopes. Para embasamento teórico sobre a imagem do negro no livro didático busquei contemplar o trabalho de Ana Célia Silva que trata da imagem do negro no livro didático.

Utilizei também o livro “Monografia e tese: passo a passo” de Severino Candorin que mostra como construir um trabalho de caráter científico. Por fim, usei as Diretrizes Curriculares para inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador para composição do questionário dos professores no momento da coleta de dados para o segundo capítulo do trabalho.

Nos procedimentos metodológicos busquei embasamento nas bibliografias que suscitassem questões de origem do fracasso, da imagem do negro no livro didático, dos conceitos de racismo, preconceito e discriminação entre outros aspectos. Optei por fazer

no segundo momento do estudo, estudo de campo procurando manter uma dialética com a realidade apresentada. Entendi que seria preciso o uso de técnicas de amostragem e instrumentos que tornassem o estudo relevante (uso de questionário e formulários) voltados para alunos dos quarto e quinto ano do ensino fundamental e para professores com questões referentes à Lei 10.639/03 (já altera para Lei 11.645/08). Realizei pesquisas em “sites” que abordassem as questões étnicas para compor as vivências de alunos negros nas escolas.

No primeiro capítulo será apresentada a análise e reflexão das bibliografias estudadas de autores que abordam o eixo Educação e relações étnico-raciais, no segundo a apresentação dos dados coletados na Escola Abrigo dos Filhos do Povo, analisando-os e os relacionado aos textos lidos, e por fim, às considerações finais fazendo o confronto entre teoria e prática e ainda, aspectos que podem contribuir para uma Pedagogia altera.

## 2. A TRAJETÓRIA DO NEGRO NA HISTÓRIA...

Quando buscamos retomar a história de povos de matrizes africana e suas possíveis descendências, veremos que essa história é marcada por sangue, suor, aversão, subalternidade, mas também por lutas e resistência. Os negros vêm enfrentado até os dias atuais as privações de uma sociedade essencialmente racista, o Brasil é um “péssimo” exemplo disso, os excluídos de oportunidades que favoreçam ao seu crescimento enquanto pessoa.

Essa realidade tem raízes históricas e é a ela a quem devemos recorrer para situar a problemáticas. Segundo Sant’Ana o racismo é uma prática que surgiu no século XV, nesse período não estava relacionada a cor da pele.

É bom lembrar que nos tempos primitivos, até por volta da idade média, a discriminação baseava-se em fatores religiosos, políticos, nacionalidade e na linguagem, e não em diferenças biológicas ou raciais como acontece hoje. Era o ‘fiel’ contra o ‘pagão’, o ‘cristão’ contra o ‘mulçumano’ ou até mesmo contra o ‘judeu’. Observe, portanto, que o motivo era religioso, nacionalidade, etc, mas nunca racial (SANT’ANA, 2001, p.31).

Se o racismo ainda nesta época não era motivado pela cor da pele, o que então aconteceu para o foco ser mudado? Por que se deslocou de convicções e ideologias religiosas, nacionalistas, políticas para a cor da pele dos indivíduos? SANT’ANA explica esse deslocamento citando Bem Marais que em sua obra RACISMO E SOCIEDADE expõe:

Há uma relação muito próxima entre escravidão a que foram submetidos os negros e a recusa às pessoas de cor negra... ‘O estigma aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos à escravidão’. Daí o negro ter se convertido em símbolo de sujeição e de inferioridade... (SANT’ANA, 2001, p.33).

Quando os europeus escravizaram negros e índios (acreditavam gozar) de certa posição de destaque em relação aos demais povos que não possuíam determinadas características fenotípicas e genotípicas semelhantes as suas. Então isso explica em parte que tais características não correspondiam ao padrão ‘desejável’ por eles. Assim sendo, fica subentendido que os homens não-negros tinham a idéia de superioridade e para eles as denotações mais positivas *desenvolvidos, civilizados, progressistas* e aos demais fora do esquadro, *selvagens, animais, atrasados e primitivos*.

Mas como o racismo se propagou? “O Racismo um fenômeno ideológico, ele se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipo” (SANT’ANA, 2001, p.53). Essas manifestações derivadas foram incorporadas de geração a geração e refinadas em diversas culturas, ora se apresentando de modo velado, ora de modo explícito. Com conceitos prontos a respeito de negros, maiores alvos do racismo, chegamos ao século XXI influenciados por estereótipos perpetuados, e estamos na verdade, mantendo sua prática.

Segundo Sant’Ana (2001, p.33), “Quando qualquer pessoa no Brasil fala em Racismo que geralmente lhe vem de cara à mente? Acertou: é o negro...”Os negros são as “vítimas” (no sentido de sofrer a ação) prediletas das pessoas que foram moldadas nas ideologias racistas. Elas somente enxergam inferioridade e procuram se afastar.

As práticas racistas geram na sociedade um desconforto, e principalmente para as vítimas. O racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu (SANT’ANA, 2001, p.34).

Nossa sociedade ainda não aprendeu a viver em grupo e sempre procurou um mecanismo para isolar ou sufocar determinados seguimentos e isso acontece por se seguir à utopia de melhores *versus* piores. Os negros se sentem inferiores, mal-realizados na vida, com baixa auto-estima por acreditarem que sua cor da pele é um fator que o desqualifica, por isso são os piores. Essa visão acaba o influenciando de tal modo que algumas vezes sentem que poderiam ser diferentes se não fosse o fato de ser negro.

Muitos autores podem defender que os negros não têm oportunidades por pertencer às classes menos favorecidas, isso é um equívoco. O fator social não é o único fator causador do insucesso. Esse discurso se assemelha muito com a idéia de que gozamos de certa democracia racial passando a “esconder” o fator racial também como causador do fracasso escolar em crianças negras. Lembrando que ser pobre não é algo que se possa descobrir apenas observando as aparências das pessoas, mas ser negro é algo bem notável e está na cor da pele, não podendo mascarar essa característica. Ainda procurando as razões históricas vemos em Sant’Ana:

O racismo, como ideologia elaborada, é fruto da ciência européia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. A ideologia racista se manifesta a partir do tráfico escravo, mas adquire o status de teoria após a revolução industrial européia (SANT’ANA, 2001, p.34).

Essa dominação de povos de diversos pontos do mundo tinha razões “contundentes”, formar um *exército de escravos* para mão-de-obra a serviço dos europeus e isso se deu de forma sangrenta. No continente africano, negros foram tirados de sua cultura, causando-lhes uma *falência* de hábitos, costumes, linguagens, e que posteriormente foram misturados sem condições de comunicação devido à língua de sua origem ser diferenciada entre tantas etnias existentes na África. Mesmo com as dificuldades lingüísticas e as duras torturas praticadas pelos europeus, em particular portugueses e espanhóis, esses povos de grupos étnicos diversificados sobreviviam e formavam grupos de resistência, como são comumente conhecidos - quilombos que ainda hoje lutam pela afirmação em uma sociedade desigual.

Isso explica em parte a façanha do povo negro em se fortalecer para se afirmar como seres humanos, e não mais como mercadoria, povo sem alma e inferiores aos demais, lembrando que na própria história encontra-se registrado que os negros eram seres irracionais, primitivos e animais. E no caso dos colonizadores entende-se que buscavam mão-de-obra escrava negra visando riqueza e poder. Com essas considerações podemos perceber que os fundamentos racistas foram criados por homens e não têm bases científicas comprovando superioridades de grupos sobre outros, de superioridade de não-negros sobre negros. Sendo algo construído pode ser (des) construído.



## 2. O NEGRO NO CONTEXTO ESCOLAR

Esta sessão se ocupará em expor o universo de manifestações que ocorrem na escola que acabam reforçando o racismo procurando informar ao leitor uma clara compreensão desses fenômenos que devem ser entendidos numa perspectiva de mudança principalmente quem está diretamente ligado aos educandos, os professores.

A importância de estudar esse fenômeno no espaço escolar é pertinente porque sendo um espaço de finalidade educativa (tendo como foco a aprendizagem, é nele que a criança, adolescentes, jovens, adultos e idosos adquirem os conhecimentos das diversas áreas que foram historicamente acumulados. Como espaço de construção do indivíduo total (social, psicológico, moral etc) deve promover uma educação que contemple a diversidade de sua clientela.

Acredito que a escola atingirá de maneira eficaz seu papel, se ressignificar o lugar que o negro tem ocupado na história desde a colonização do Brasil. É de extrema importância reconhecer que há racismo na escola e que ele se dispersa dentro dela e nos demais seguimentos sociais.

O papel do professor/pedagogo é trabalhar dentro da perspectiva da diversidade cultural, religiosa, étnico-racial, da sexualidade, abrigando em sua prática o respeito, a alteridade, a tolerância investigando a história de vida de seus educandos para assim contemplar essa pluralidade. Além de colocar novas possibilidades do conhecimento humano será preciso abandonar as práticas eurocêtricas que ainda persistem como única via de se entender os processos pelos quais os homens organizam o conhecimento.

Pensando na dimensão micro, da sala de aula o professor/pedagogo deve concentrar esforços a fim de minimizar os conflitos referentes às questões étnico-raciais percebendo e combatendo as manifestações racistas que ocorrem em meio a sua prática. A melhor maneira de combater o racismo é conhecê-lo para assim tomar as medidas cabíveis e orientar os educandos a tolerar as diferenças existentes no grupo. Veremos a seguir algumas manifestações racistas que o autor Santana trabalha numa perspectiva

esclarecedora, trazendo conceitos que muitas vezes são tratados distintamente no senso comum.

## 2.1 DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS: PRECONCEITO, DISCRIMINIÇÃO E RACISMO

Concentrando-se no campo escolar, encontramos uma diversidade de indivíduos pertencentes a grupos étnico-raciais variados, de religiões diferenciadas, de convicção filosófica diversas, porém essa mesma Educação não se preparou para receber essa gama de possibilidades impondo uma estrutura baseada nos valores de grupos majoritários e hegemônicos. Só recentemente podemos encontrar um esforço “tímido”, mas reacionário (no sentido de buscar afirmação e valorização em um país altamente racista) de pessoas interessadas em mudar esse quadro.

Sabendo que a Escola é uma instituição contida em uma sociedade e não pode se isolar dela, incorpora pensamentos, hábitos e comportamentos que passam a se reproduzir nos educandos (mesmos pensamentos, hábitos e comportamentos). Então existe um constante diálogo entre ambas e é nessa dialética que se propaga as manifestações do racismo. Logo, o racismo é praticado em todos os cantos da sociedade e pode ocorrer na sala de aula, numa determinada religião, num jogo de futebol, no *shopping* ou em qualquer lugar.

Mas é importante lembrar que o racismo, o preconceito racial ou a discriminação racial não são as mesmas coisas, têm definições distintas. Para entendê-lo segue um jogo de palavras, como se esse jogo fosse uma ciranda. Tudo começa quando temos um conceito antecipado dos fatos, dos acontecimentos, das pessoas, dos fenômenos naturais ou mesmo sociais (pré-conceito), por se criar uma imagem negativa (estereotipo), como por exemplo, de que “todo negro é ladrão” e esse entendimento leva a uma separação isolando a parte suspeita (discriminar). Ora se formos minuciosos em nossas observações veremos que temos grandes amigos, conhecemos uma pessoa muito confiável e elas não têm esse traço de má índole. Nem todo negro é advogado, nem médico, assim também acontece com esse desvio de comportamento, isto é, nem todos escolhem ser as mesmas coisas. Assim sendo, vemos que compreender as pessoas por imagens construídas ou idéias preconcebidas não reflete realmente o que elas são, é um terrível engano. Nesse caso as atribuições negativas são sempre dirigidas aos negros.

Lopes (2001, p.189-187) quando tenta explanar as variações do Racismo cita Valente que diz:

As pessoas não herdam, geneticamente, idéias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou torna-se preconceituosa e discriminadores em relação a povos e nações. Para Valente: a) Preconceito racial é a idéia preconcebida suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação a outra, sem razão objetiva ou reflexiva. Normalmente, o preconceito vem acompanhado de uma atitude discriminatória; b) Discriminação racial é a atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base idéias preconceituosas (LOPES, 2001, p.187).

O preconceito racial, segundo Lopes, diz respeito a questão de raças, porém na minha concepção o preconceito racial além de ser um ato de intolerância em relação a cor da pele do outro, também tem uma base sustentada em estereótipos que passam a confirmar e consolidar o próprio preconceito racial. Qualquer pessoa pode ter idéias preconcebidas dos fenômenos sociais/naturais. Ao olhar para o céu e se perceber uma escuridão é sinal de chuva? Talvez sim, talvez não. Mas quando se olha para um negro e se pensa ser ele um indivíduo perigoso, ficamos tranquilos e agradecemos por ele não ter nos abordado. Essa analogia mostra que quando temos idéias preconcebidas nem sempre estaremos certos dos nossos pensamentos e afirmações. Segue uma manifestação preconceituosa, caso ocorrido em Cuiabá:

Carmelita Gonçalves não tem dúvida de que o filho dela, Mateus, de 9 anos, estava sendo responsabilizado por uma briga na escola por causa da sua cor, ele estava em outra sala junto com minha filha, e meu neto, quando um menino foi agredido no pátio da escola. Outro aluno apontou o Mateus como o responsável e a professora acreditou. Insistiu em culpa-lo mesmo com minha filha e a professora dizendo que ele nem estava no local da briga. A mãe da criança cogitou em registrar queixa na polícia, porém desistiu quando percebeu uma mudança no comportamento das professoras da escola que passaram a tratar melhor seu filho (RACISMO na escola, 2005-2008).

Nesse caso vemos que a manifestação do racismo foi identificada porque o menino sendo negro, e provavelmente “astuto” seria o responsável pela briga. Então no imaginário do menino que acusou e da professora, ele foi suficientemente malandro indo a outra sala para se livrar da acusação.

No que se refere à discriminação o problema pode ser entendido pela seguinte analogia. Em um supermercado o repositor percebe que uma embalagem esta estragada e lembra que o supervisor do seu setor diz que é preciso mostrar qualidade dos produtos. Ele retira a embalagem estragada e joga fora. Que bom que as embalagens não têm consciência, mas os seres humanos sim, quando se acredita que se deve isolar algumas pessoas por sua aparência física ligada a cor da pele estamos separando de qualquer

forma, isso em outras palavras é discriminar. Diferentemente do preconceito racial que ainda pode ocorrer no plano da consciência, o ato de discriminar é a ação propriamente dita em que o indivíduo baseado nas suas idéias generalizadas em relação ao indivíduo negro passa a marginalizar a parte discriminada, temos então o ostracismo.

Veremos um outro exemplo de discriminação que aconteceu numa creche em Cuiabá:

Tânia Omara é professora na rede municipal de ensino de Cuiabá e mestranda em Educação pela UFMT. Há poucos meses, ela mudou o tema de sua dissertação por causa de um ato de preconceito racial que testemunhou na porta da creche vizinha a escola onde leciona.

“No clima festivo do lançamento da coleção de livros no Nepre, lá estava ela, chorando, ao relatar o que havia presenciado à professora da Universidade Federal Fluminense, Iolanda de Oliveira, doutora em Relações Raciais e Educação, que veio a Cuiabá para ministrar a palestra na 1ª Jornada de Desigualdade Raciais na Educação Brasileira, semana passada. Tânia contou que chegava à escola quando barulhos de crianças vindos da creche chamaram sua atenção. Ao voltar-se para o local, percebeu que uma pessoa da creche recebia alegremente, com beijos e abraços, as crianças que chegavam lá. De repente, ao ver que duas crianças negras se aproximavam a mulher, segundo Tânia, virou-se para o outro lado como se não tivesse percebido a aproximação dos alunos e começou a conversar com outras pessoas. As crianças que até então caminhavam em direção daquela pessoa, que Tânia supõe ser professora, ficaram sem saber o que fazer e se viraram para a mãe que por sua vez, pediu que os filhos entrassem na creche. Não houve reação por parte da mãe ao ato que Tânia considerou racista e desumano. Ela, que tinha planos de estudar as relações raciais em famílias, agora está pesquisando sobre o mesmo tema nas creches (In: RACISMO na escola, 2005-2008).

Nesse episódio o fato da pessoa se recusar a atender as crianças negras mostra claramente uma manifestação de discriminação pela cor da pele. Esse comportamento de “dar as costas” é sinônimo de aversão, de não querer aceitar o outro como seu semelhante.

Tendo como pressuposto a idéias de Valente (apud LOPES, 2001, p.187), pode-se entender que o racismo é o extremo, é uma ideologia baseada em estereótipo, preconceito e discriminação, o racismo é o conjunto dessas manifestações.

Sant’Ana (2001, p.53) traz o conceito de racismo fazendo referência ao Programa Nacional de Direitos Humanos – Brasil de 1998 citado na página doze desse documento, o racismo segundo o referido texto é “uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre grupos humanos”. É importante salientar que racismo e discriminação não são as mesmas coisas. Na discriminação você separa e no racismo você qualifica.

Com essa exposição vê-se a importância de se saber os conceitos dos termos, não os classificando de forma distinta. É relevante ainda o professor/pedagogo compreender e identificar tais manifestações apresentando uma educação centrada no respeito à diversidade pluri-étnica de seus alunos formando indivíduos capazes de conviver em sociedade compartilhando de um ambiente pacífico sendo negro ou não.

A escola deve se encarregar urgentemente desse papel, não o de consolidar práticas racistas, mas de resolver os conflitos étnico-raciais para ser coerente aos objetivos que se propõem.

Observando os quatro pilares da educação que são as diretrizes norteadoras das práticas educativas no século XXI, encontra-se um elemento essencial para o cumprimento das obrigações da Educação – *aprender a viver juntos*, que mostra a relevância do respeito, da alteridade, da compreensão da interdependência, o respeito a diversidade (EDUCAÇÃO: um tesouro a descobrir. 1998, cap. 4). São os elementos indispensáveis para uma nova educação que visa o convívio em conjunto, apesar da disparidade entre ricos e pobres e outros aspectos que dispensam apresentação por ser tão evidentes na sociedade brasileira de tantas diferenças.

Se nas escolas se confirma e se consolida o racismo ela não está cumprindo com sua responsabilidade que é de (trans) formar as consciências dos seus educando, fazendo com que aprendam a se relacionar uns com os outros pacificamente dentro e fora dela. É por essa razão que a escola brasileira junto com outros fatores, levam ao fracasso os alunos por manter práticas *status quo*, ainda por não permitir a entrada das contribuições de diversos povos do mundo .

## 2.2 A ORIGEM DO FRACASSO: ANTECEDENTES RACIAIS

De modo geral o fracasso escolar está associado ao fato do sistema educacional aferir aos alunos conceitos de qualidade em que, para o conhecimento do seu desempenho na escola depende de notas apresentadas nas avaliações. O ideal seria o educador, tal como expressa Cipriano Luckesi – entender o sentido da avaliação como algo que lhe serve como “lente de aumento” para detectar as reais dificuldades do aluno a ponto de fazê-los atingir o conceito máximo (nota dez). Acontece que uma porção de educadores utiliza-se de avaliações para desqualificar ou até mesmo prejudicar seus alunos.

O outro aspecto presente no processo de fracasso é que em uma determinada sala o professor lida com diferentes indivíduos, com diferentes histórias de vida, com diferentes modos de pensar. Apresentando uma avaliação padronizada não se pode fazer refletir o pensamento de todos os alunos, isso acaba desrespeitando suas particularidades. Na minha concepção, no mínimo a escola é que quem contribui para origem do fracasso.

Em se tratando de diferenças encontraremos a seguir:

A falta de compatibilidade entre o que é pretendido pela escola e o que é desejável, ou possível, para seus alunos, acirrada pelo processo de democratização do acesso de diferentes grupos à escola, é fonte de indiscutível fracasso escolar, como já tem sido amplamente discutido nos meios educacionais (OLIVEIRA, 1997, p.46).

A expectativa da escola é “trabalhar com o funcionamento cognitivo dos seus alunos que é parte essencial da sua atividade principal” (OLIVEIRA, 1997, p. 45). Com esta pretensão, ela desconsidera a individualidade desses sujeitos levando-os ao fracasso na escola e na vida. Esse ponto deve ser visto como um dos fatores que levam ao insucesso, por que se os indivíduos são diferentes o processo de aquisição do conhecimento será internalizado de modo diferente.

Tendo a escola um padrão desejável de aluno, aquele que não apresenta nenhum tipo de dificuldade na aprendizagem, cria-se nos alunos “indesejáveis” um desinteresse pela escola e, emocionalmente acredita ser um problema para escola.

No que concerne o acesso de diferentes grupos, sabe-se que o Brasil é um país multi-étnico, porém se privilegia nos meios de comunicação, nas altas funções de uma empresa, nas mídias um padrão de indivíduo (os brancos) sendo os demais grupos desrespeitados tanto nesses ambientes quanto no próprio currículo escolar.

Analisando o fracasso escolar de maneira genérica, vimos que atribuir certas qualificações (bons alunos, maus alunos) criam-se indivíduos frustrados por não alcançar o padrão desejado pela escola. Acirrando essa situação os indivíduos chegam a ela e descobrem que a Educação espera que se enquadrem ao seu padrão. Se diferentes grupos étnico-raciais não se vêm representados de forma positiva nesse espaço que deveria ser plural, desacredita do papel de transformador da Educação se questionando o porquê de precisar estar em um ambiente que lhe só traz problemas.

Creio também que alguns fatores se tornam um entrave corroborando para a desistência do aluno, esses estão diretamente ligados à questão do indivíduo pertencer a uma determinada raça. Estou falando das crianças negras que enfrentam algumas dificuldades por ser quem é. Seguem alguns fatores:

#### Fatores ligados ao mundo social da criança negra

**Estrutura Familiar:** O racismo se difunde nos ambientes onde existem pessoas, não seria exagero afirmar que também existe na família. Quantos relatos já ouvir falar? Do tipo: “Não quero que se case com um negro” ou “ eu ATÉ tenho amigos negros, mas não me casaria com nenhum deles” ou “não ande com essa gente”. Como a família é o núcleo em que a criança se desenvolve, internalizando afirmações e conceitos desse tipo, ela cresce com o sentimento de que o negro é um Ser menos importante e que não merece viver em seu grupo seletivo.

**Falta de Referências:** Poderia começar citando as referências nos Livros Didáticos, entretanto penso que pessoas também são referências. Se as crianças negras estão imersas em uma ambiência em que as pessoas usam a figura do negro de forma negativa e deturpada, ela pode perder o gosto por sua própria identidade vindo a querer ser diferente do que realmente é.

**Invisibilidade do Negro na Mídia:** A mídia pode ser um poderoso propagador do Racismo quando utiliza a figura do negro numa condição marginal, ou seja, lhe



reservando os papéis de subordinação. Outros aspectos podem ser citados, mas de maneira holística qualquer aparição do negro será baseada na submissão passando a invisibilizar e inferiorizar.

#### Fatores micros ligados a sala de aula

**Relação Professor-Aluno:** O papel do educador para construção da identidade e afirmação da criança negra é relevante nesse processo. Quando o educador respeita a diversidade em sua sala, ele trabalha em cima das diferenças apenas para mostrar que pessoas diferentes se complementam, colocando sempre em discussão a igualdade da raça humana. Esse educador também seleciona livros/materiais impressos para enriquecer sua prática pedagógica. Porém, a realidade das escolas não é bem assim, existem educadores extremamente racistas, existem aqueles que não se importam com o fato de existir o racismo e, há ainda, aqueles que desconhecem situações que envolvem práticas racistas. Quaisquer uns desses educadores estão “acentados” naquela educação tradicional que privilegia os grupos dominantes, geralmente brancos.

**Avaliação cor da pele:** Quando um educador cria uma espécie de conceito de que todo aluno negro é “burro”, suas expectativas em relação a esses é negativa e cria-se uma barreira na relação porque, esse educador, acreditará que seus esforços serão em vão, pois seus alunos negros não irão aprender de qualquer forma e, irão dar mais trabalhos que os não-negros por apresentar grandes dificuldades.

**Brincadeiras “inocentes”:** as brincadeiras entre crianças não envolvem até certo ponto maldade por ser inconscientes, como por exemplo, ao brincar de casa as crianças não-negras escolherão os papéis de liderança – patrões, e delegará as crianças negras o papel de empregados (subalternos). Essa situação é “pertinente” porque elas assistem TV e internalizam ou pensam que essa relação é algo natural. Mas uma afirmação mais direta, por exemplo: “Claro que você é negro porque seus pais são negros, ou você acha que é filho de brancos?”. De qualquer forma, consciente ou inconscientemente, crianças aprendem a ser racistas por ouvir, ver situações racistas e já que aprendem com muita facilidade discriminar o próximo por sua cor da pele. O educador deve desconstruir o construído para assim desenvolver uma relação mais pacífica em que seja possível estar nele, negros, brancos, índios, japoneses e muitas outras variações étnicas.

Natália tem só 9 anos, mas já conhece o peso do preconceito. Sua cor de pele e seus cabelos são alvos constantes de piadinhas entre colegas. “Eles (os

colegas) ficam chamando de cabelo de pixaim, falam ‘sua negra desarrumada’, e outras coisas”, conta ela, timidamente. A estudante diz que sua mãe lhe ensinou a não se importar com que os outros dissessem sobre sua cor. “Ela disse que se a gente fica zangada, eles xingam mais”, observa. Indagada sobre o que faz para superar essa questão, Natália não titubeia: “tiro boas notas, melhor que as deles” (RACISMO na escola, 2005-2008).

Esse depoimento foi extraído na internet no site <http://www.educacao-ja.org.br> do fato ocorrido em Cuiabá. A autora do relato, Alecy Alves, fez uma coletânea de pesquisas sobre Educação e Preconceito com algumas vivências de alunos negros na escola. Vou apenas evidenciar dois pontos importantes a serem vistos no depoimento dessa aluna. No primeiro é a questão de sofrer com as brincadeiras dos colegas. Quando estão presentes as práticas racistas, surge a separação, e as crianças dessa escola devem não gostar de se relacionar com Natália devido a sua cor da pele, lembrando da sua existência nos momentos das brincadeiras. Tais brincadeiras foram usadas para inferiorizá-la tendo como base sua origem racial. Como a brincadeira foi muito direta e cruel não se pode confirmar que os meninos as usam sem intenção de magoar.

O segundo ponto é que Natália se esforça, coloca uma energia a mais que os outros na sua aprendizagem para superar seus colegas. Até que ponto isso é positivo? Mas me parece que em sua fala ela dispensa uma força colossal por entender que é inferior aos demais para mostrar ser capaz mesmo sendo negra. Creio que ela não precisa provar para os colegas, mas para si porque essas brincadeiras machucam e o indivíduo fica se sentido rejeitado pelo grupo.

Alves cita Vanda Lúcia uma pesquisadora que se interessa pelas vivências em sala de aula. Segue um outro episódio de mais uma manifestação de racismo ocorrida na escola.

**Livro Didático:** Normalmente encontram-se em livros de história do Brasil imagens do período colonial negros sendo escravizados para compor a mão-de-obra do trabalho braçal nas casas dos senhores, caso não obedecessem eram presos a troncos, castigados com pesadas chicotadas, sem acesso ao direito político de decidir os rumos de sua cidade, sem direito a uma vida digna e sem acesso à educação. Como essas cenas podem contribuir para construção de uma identidade? Não pode transmitir outra coisa a não ser incapacidade dos negros tendo que ser tutelado, como crianças por não ter domínio sobre seu próprio corpo, verdadeiros animais. Essas imagens ainda persistem nos materiais didáticos e, cabe ao educador selecionar, discutir, refletir sobre os caminhos mais apropriados a serem seguidos nas suas aulas.

A desconstrução da ideologia abre a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças/etnias, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade (SILVA, 2001, p.26-27).

O grupo só reconhecerá o valor dos indivíduos marginalizados se for possível desconstruir imagens estereotipadas, caso o professor/pedagogo não fomente discussões sobre as particularidades de grupos étnico-raciais será impossível harmonizar o ambiente marcado por tantas diferenças. E em se tratando de diferenças, será necessário ainda, ressignificar o papel que o negro tem ocupado muitas vezes nos materiais impressos, os livros didáticos, que são os recursos comumente utilizados pelos professores. Isso envolve questões de políticas públicas na educação que fomente nas editoras de livros pressionar o próprio ministério da educação a trabalhar dentro de uma perspectiva de contemplar as obras cosmopolitas, ou seja, ensejam uma educação local e global, pluri-étnica, pluri-cultural.

### 2.3 A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO

Nesta sessão me ocuparei com o estudo feito por Ana Célia da Silva parafraseando suas idéias. A autora é Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Na obra de Munanga (Org.), *Superando o Racismo na escola* (2001) ela dedica nas primeiras páginas o estudo feito em que faz uma crítica ao modo com a figura negra é tratada em livros. No artigo ela tenta desconstruir as imagens preconceituosas e discriminatórias que envolvem o negro no livro didático.

Inicialmente ela aborda a relevância que se tem dado ao tema transversal “Pluralidade Cultural” nos meios educacionais. Logo, se questiona se de fato essa discussão do respeito à diversidade cultural tem originariamente se preocupado com a mudança no currículo escolar tirando alguns grupos da invisibilidade que a história lhe reservou.

A autora busca conscientizar os professores fazendo com que reflitam sobre suas práticas. Acredita ela, o livro didático ser um recurso que reproduz ainda mais uma imagem negativa do negro. Ela cita que no livro didático a “humanidade e cidadania, na maioria das vezes, é representada pelo homem branco e de classe média” (2001, p.14). Aos negros são reservadas as piores imagens e apenas são citados por ser o lado frágil (no sentido intelectual e emocional), bobo, engraçado por ser atrapalhado.

A idéia de apresentar os indivíduos de grupos dominantes de maneira positiva cria nos grupos menos favorecidos uma espécie de auto-rejeição, contribuindo com supervalorização e identificação aos grupos dominantes porque são os mais aceitáveis.

Ana Célia ainda toca na questão dos mecanismos de invisibilidade que quando esgotados acabam construindo estereótipos que se tornam senso comum. Ela ainda aposta na formação específica dos professores do Ensino Fundamental o empossando do dever de “desfazer” as imagens, os preconceitos criados e perpetuados dentro da escola. No artigo ela não se limita a ficar nas críticas, mas propõe soluções que seguem nos próximos blocos.

Ana Célia afirma ser o livro um veículo de propagação de estereótipos devido ser um dos recursos mais acessíveis nas escolas públicas.

Em relação à população negra ela cita que as ilustrações são estereotipadas mostrando o negro numa condição de inferioridade. No que tange a ideologia do embaquecimento, as crianças negras criam uma imagem negativa de si e passam a interiorizar o sentimento de querer parecer com a estética do grupo valorizado. Ainda se tratando dos estereótipos ela salienta que são difundidos pelas ideologias “veiculadas no material didático”. Os estereótipos servem como um pressuposto de que a “imagem” é natural tendo como consequência a idéia preconcebida sobre alguém ou algo. Ela aponta que os estereótipos nos materiais didáticos geram a exclusão. Então acredita que “o professor pode vir a ser um mediador inconsciente” (2001, p.17) de tais imagens.

A autora cita que as imagens de papéis nas ilustrações investigadas podem ser corrigidas “solicitando que a criança que descreva outras atividades exercidas pelas mulheres e homens negros...”. Silva (2001, p.18) Pode-se perceber que esta proposta tenta corrigir modelos atuais de descrever tais cenas. Ela sugere que o professor busque corrigir toda e qualquer manifestação do racismo no livro didático.

Segundo Ana Célia (2001, p.19) a construção da imagem do negro como “burro” ou “incompetente” na mídia e nos materiais pedagógicos, na verdade serve para “justificar a exclusão...”. Ela sinaliza que tais adjetivos contribuem para o preconceito racial gerando no imaginário dos não-negros a idéia de que negros são incompetentes. Então ela sugere que os professores solicitem aos seus alunos “obras de artistas, escritores, poetas, jogadores, pessoas da comunidade, negras, como meio de visibilizar o positivo”. Segue uma experiência em que uma criança negra é desrespeitada por se ter uma idéia, a priori de incompetência:

Uma aluna branca levou o caderno até a mesa da professora para que sua tarefa pudesse ser corrigida. A professora por sua vez, olhou calmamente a tarefa e apontou uma questão errada e a mandou ler novamente o texto, apontando o parágrafo onde estava a resposta correta. Minutos depois, uma menina negra se aproximou e, num gesto similar, entregou-lhe o caderno. A professora nem olhou para a atividade e foi logo dizendo que não perderia seu tempo com ela. ‘Você não quer nada, pegue seu caderno e vá sentar’, descreve mestre. Vanda, pouco depois, corrigiu o caderno da aluna negra e constatou que todas as questões da atividade que a professora havia passado em sala estavam corretas (RACISMO na escola, 2005-2008)

Não devemos cair na mania de encarar todas as situações voltadas ao negro como sendo uma prática racista. Porém na fala da professora: “Você não quer nada” ela evidencia a idéia de que o negro é um sujeito preguiçoso. Isso é um efeito da imagem criada na história pelas circunstâncias históricas de cada época. Se nesse episódio ela apenas recusa-se a aceitar o caderno de sua aluna negra, não poderíamos provar ser essa ação sinônimo de preconceito, entretanto o fato de agredir a aluna verbalmente como preguiçosa (nas entre linhas) deixou evidente uma das manifestações do racismo. Vanda constatou que a presença do Racismo na escola contribui para o baixo desempenho escolar dos negros.

A autora cita que cor a negra aparece frequentemente atrelada a personagens negros, sendo o negro caricaturizado na mídia ou livros didáticos como sinônimos de sujeira, de indivíduos perigosos. As crianças negras não acalantarão ser negras uma vez que já conhecem tais comportamentos e modo de ser, o que elas ainda não entendem é que é uma imagem criada e não natural. Sugere que se façam associações como ébano, ônix. “Outra revisão das ilustrações podem ser corrigidas refazendo as frases com conotações negativas”, Silva (2001, p.20).

Outra sugestão que considero uma das mais relevantes e que podem ser (re) significadas é a questão do cabelo crespo que é considerado “cabelo duro”. Mas porque o cabelo de crianças brancas é associado ao sentido sempre positivo? “o liso”. Ver-se que tais afirmações ainda são comuns nos meios sociais. Questiono-me: “Por que o cabelo crespo não pode ser bom se estiver trançado, black power, por exemplo? Creio que a função do educador seja de direcionar a criança negra a gostar do seu cabelo do jeito que é, sendo ele trançado ou não, alisados e outros estilos que consigam expressar sua identidade.

Em certa ocasião, na sala de aula uma aluna foi em direção a minha mesa para tirar uma dúvida a respeito de uma atividade que eu tinha proposto para ser feita em casa. De repente, essa mesma aluna mexeu nas minhas revistas e livros que estavam sobre a mesa. Logo, ela se deparou com uma revista que tinha em sua capa uma imagem de um negro da etnia banto. Suas palavras foram: “Hum, esse homem é feio pró” Interrompendo sua sala concomitante com a minha perguntei: “Por que você achou este

homem feio?” Ela respondeu: “Porque ele é negro e, gostaria que todo mundo fosse de minha cor”.

Essa aluna é parda e não se reconhece como negra. Ela também associa o negro ao feio, um fato que geralmente as pessoas apontam, como se outras pessoas de outras matrizes não fossem feias por eu não são negras. Mas naquele momento sentir-me impotente apenas pronunciando: “Cada um é belo em sua rara beleza”.

Nesse caso da sugestão de ressignificar as religiões afro-brasileiras não traz uma proposição para mudança, apenas se ocupando em apontar que a escola desconsidera a diversidade religiosa de seus alunos impondo as religiões judaico-cristãs, deixando as crianças confusas, porque em casa seguem uma determinada religião e na escola aprende venerar outra.

Longe de querer desrespeitar a religiosidade das pessoas, mas quando um professor pede para seus alunos rezar o “Pai Nosso” ele está negando todas as outras formas de comunicação com Deus, que para uns pode ser: Jeová, Alá, Javé, Buda, Maomé, entre outras religiosidades. O importante é deixar espaço para o aluno se expressar dentro daquela convicção que sua família se oferece.

Ela sugere no item requalificando o conceito de pobreza Ana Célia propõe que os alunos reconstruam as ilustrações em que o negro é colocado numa condição de miserável. Como na maioria das escolas públicas existem crianças de origem modesta, ainda assim é importante solicitar para as crianças uma observação da sua realidade e vejam se são tão pobres como os personagens das ilustrações, e se as pessoas da sua comunidade, das tramas de novelas, de comerciais de origem negra são tão pobres como é comumente reforçado nos livros.

Da mesma forma que ela pressupõe uma reconstrução do conceito de pobreza, sugere que os alunos reconstruam a idéia de que os negros são minorias, fazendo um mapeamento da sua sala de aula, da sua comunidade.

Ana Célia traz a auto-rejeição colocando que o negro se vendo como um “Ser” inferior passa a ser réu da sua trama “criando o racismo contra o próprio negro”. Ela coloca:

Identificar e corrigir a ideologia, ensinar que a diferença pode ser bela, que a diversidade é enriquecedora e não é sinônimo de desigualdade, é um dos passos para reconstrução da auto-estima, do auto-conceito, da cidadania e da abertura para o acolhimento dos valores das diversas culturas presentes na sociedade (SILVA, 2001, p.24).

Para criança negra construir sua identidade tal como Ana Célia expõe é preciso o professor trabalhar a diversidade como um componente essencial da existência humana. É importante sim sermos diferentes para nos complementar e tornar a convivência interessante, mas nunca numa perspectiva de um ser melhor que outro.

A autora encerra o artigo de forma positiva salientando que é possível formar o professor de Ensino Fundamental crítico capaz de identificar e corrigir os estereótipos postos no livro didático sobre a população negra.

Sabe-se que a escola não é pioneira na discussão das relações étnico-raciais precisando se aproximar de movimentos de valorização e resgate da cultura negra que tenha uma longa experiência. Os professores também devem buscar investigar, sair do “casulo” em que se fecham para subsidiar sua prática em sala resgatando a origem de seus alunos e ao mesmo tempo os valorizando.



## 2. 4 A REALIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS NA ESCOLA

É importante citar que ao chegar à escola as crianças negras encontram um modelo de Ensino centrado nos valores de grupos hegemônico/dominante, geralmente branco. Isso também ocorre com as crianças de classes menos favorecidas, porém no caso da criança negra ela é submetida a um conjunto de ações voltadas a valorização de uma cultura que não representa sua origem. Um bom exemplo podemos encontrar nos materiais didáticos, é só lembrar a literatura geralmente privilegiada, tais como: Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, A Bela Adormecida e outros contos infantis, reforçando que são trabalhados desde o ingresso dos alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Colocar um modelo como sendo universal é desconsiderar a diversidade e, o tratamento enfático dado aos grupos dominantes gera o desconhecimento de suas origens e não constrói uma identidade genuinamente forte. Nas escolas não é muito comum abrir espaço para cultura, literatura, a estética dos negros.

Essas considerações podem confirmar que existem espaços na escola e, na situação das crianças afrodescendentes elas se sentem em “pequenos espaços” precisando se mover dentro desses limites para não invadir outras fronteiras que pertence a um grupo privilegiado, tendo que se conformar com aquilo que a escola é capaz de lhe oferecer, sem questionar sua invisibilidade dentro do ambiente escolar.

Recentemente encontramos esforços no sentido de introduzir o ensino da história africana e afro-brasileira nas redes de ensino público e privado. Mas se voltarmos olhares para o passado veremos que muitas crianças negras e não-negras se tornaram “analfabetas” no requisito cultura afro por não ter conhecimento sobre os mártires da África, do modo de vida africano (tendo uma visão primitiva da África), da literatura infantil, da religião africana e afro-brasileira, entre outros aspectos relevantes da cultura negra.

Desconhecer suas origens é ao mesmo tempo ter uma identidade fragilizada não se reconhecendo como tal, negando ser o que verdadeiramente é.

No relato da professora Tânia, uma das entrevistadas, sobre a pessoa que fazia a recepção das crianças na creche ficou a impressão de que as crianças negras esperavam ser recebidas com os beijos e abraços que assim foram ofertados as crianças brancas

pela suposta mulher. Nesse ínterim, o quão é importante trabalhar as relações étnico-raciais nos espaços educativos e o quão urgente é a introdução da história africana e afro-brasileira nas escolas.

Diante do dilema vivido pelas crianças negras nas escolas, nos resta trabalhar sua autoestima a ponto de fazê-las se sentirem bem emocionalmente com atividades pedagógicas que tratem dos valores estéticos dos negros. Será preciso também valorizar seu lugar e resgatar as tradições africanas porque diz respeito a sua origem.

Devemos lembrar as grandes contribuições prestadas pelos povos vindos da África de maneira brutal, mas que também marcou sua participação na construção do país que chamamos hoje de Brasil.

A pluralidade faz surgir um país feito a muitas mãos, onde todos juntos, vindos de tradições diversas, com distintas formas de arrumar o mundo, com inúmeras concepções do belo, conseguem criar uma comunidade plena da consciência da importância da participação de cada um na construção de um bem comum. Todos podem ser diferentes, mas não absolutamente necessários. Só com esta união na diversidade se constrói um mundo novo, onde se respeita a maneira de cada um falar com Deus, de invoca-lo por ritos adotados segundo a tradição de seu grupo, mas que determina toda a organização e valores da comunidade (THEODORO, 2001, p.77).

Sabe-se que na história do Brasil é comum encontrar escritos de que os povos europeus foram os grandes colaboradores para construção do país e essa visão é trabalhada até os dias de atuais nas escolas pelo currículo tradicional. Quanto tempo isso resistirá? O que se deve defender é um currículo pluri-étnico prestando gratidão as contribuições dos diversos povos e que deve ocupar no seu espaço, a história africana, a história de luta do povo indígena, a história oriental, enfim, deve-se orientar no currículo a história de todos os povos na construção do mundo criando pessoas tolerantes e alteras, verdadeiros cidadãos do mundo. Esta é uma realidade que devemos buscar apesar da realidade apontar outras características. Devemos buscar o *ideal* no *real* e vice-versa.

Um ambiente hostil se torna em campo fecundo para desistência do aluno (evasão). Como professor/pedagogo temos que ofertar uma ambiência harmônica capaz de fazê-los permanecer e, só será possível criando práticas pedagógicas que valorizem as diferenças. Precisamos mudar a seguinte realidade:

Principais vítimas da violência urbana, alvos prediletos dos homicidas e dos excessos policiais, os jovens negros lideram o *ranking* dos que vivem em

famílias consideradas pobres e dos que recebem os salários mais baixos do mercado. Eles encabeçam, também, a lista dos desempregados, dos analfabetos, dos que abandonam a escola antes do tempo e dos que têm maior defasagem escolar (BENTO, 2005, p. 194).

Justamente por encontrar um ambiente que faz más referenciais da sua origem os negros, na maioria dos casos acabam evadindo buscando alternativas negativas que lhe dêem maior liberdade e autonomia. Claro que o fato de muitos enveredarem para o mundo do crime não se justifica seu ingresso na criminalidade por falta de oportunidades. O que se precisa fazer são políticas específicas que garantam sua estadia na escola.

Assim, quando analisados os dados referentes a condição de vida dos jovens negros, não se pode deixar de enfrentar a questão que se explicita: o amplo e diversificado leque de manifestações da discriminação racial que os atinge. De um lado, constata-se um ambiente escolar pouco hospitaleiro para os negros, que engendra a evasão ou torna a trajetória educacional mais acidentada; de outro, a grande dificuldade de inserção qualificada no mercado de trabalho. No final da linha, observa-se com estarecimento, um quadro de genocídio. É óbvio que esse quadro não favorece a esperança, não estimula a dedicação aos estudos, não alimenta uma perspectiva otimista do futuro. Como confiar em si próprio, como acreditar na meritocracia, como avançar se, de antemão, sabe-se que o tratamento será negativamente diferenciado? O desalento, a desesperança, o não ter com quem contar atravessa o cotidiano desses jovens (BENTO, 2005, p. 195).

Com essas considerações vemos que a situação das crianças que mais tarde serão jovens, “olhem para baixo e vejam esse mar de desesperança e se sintam em um abismo”, então o papel dos educadores é apresentar uma realidade mais positiva fazendo com que busquem, via educação, alternativas duradouras e mais intensas de viver não se tornando vítima da situação.

Alguns relatos apresentados no decorrer da exposição nos mostram uma pista a uma questão que devemos perseguir – o racismo está presente nas escolas e os educadores não devem permitir suas manifestações, uma vez que os identificando devem procurar estratégias que combatam sua prática. Para aqueles que vivem a luz do mito da democracia racial será preciso conhecer em profundo os estudos já publicados com a temática negro e educação para promover uma Pedagogia sustentada no respeito à diversidade.

É nesse sentido que procurei analisar uma realidade em particular. Escolhi a Escola Abrigo dos Filhos do povo que fica localizada no bairro da Liberdade, Salvador, a

escola oferta educação infantil e ensino fundamental (1º ciclo), de porte médio, possui 25 salas, biblioteca, laboratório de informática, auditório e recentemente inaugurada, a biblioteca Raimundo Freixeiras. Possui quatro gestores (3 vice-diretoras e diretora), coordenadora pedagógica. Nas séries iniciais, em cada sala é composta por professora regente e estagiária do magistério (nível médio), sendo que são dez turmas da pré-escola. Sua clientela em sua maioria é oriunda da classe baixa, do próprio bairro e de bairros adjacentes.

#### 4.1 OPÇÃO POR METÓDO

O caminho escolhido para composição da segunda parte do trabalho foi o *Estudo de Caso* (seguindo as instruções do livro Métodos e Técnicas na pesquisa social). Pude investigar uma realidade de modo particular para posteriormente fazer as possíveis generalizações. Adotei esse caminho porque teria a possibilidade de confrontar a teoria com a realidade a partir do estudo de campo para, por fim fazer as inferências mais aproximadas encontradas na realidade.

Percebi que apenas apresentando referencial teórico não traria uma confirmação mais acertada sobre a hipótese de que a presença do racismo na escola produz o fracasso da criança negra.

Nesse sentido fui a campo e pude me aproximar dessas e dos professores levantando dados (através de *entrevistas e questionário*) para verificar como ocorrem as manifestações que caracteriza o racismo e como acontecem de fato as práticas pedagógicas, tentando perceber ainda se estão pautadas no respeito à diversidade. Além de está próxima à realidade desse grupo pude coletar as informações que validaria/negaria minha hipótese de que quando o racismo está presente na escola, traz como consequência o fracasso escolar das crianças negras.

Foi adotada a *amostragem por tipicidade ou intencional*, pois o público já tinha sido previamente escolhido, antes mesmo de ir a campo – professores e alunos/alunas negros e negras da Escola Abrigo dos Filhos do Povo, lembrando que esta escola está situada no bairro de maior representação da população negra da cidade de Salvador - Liberdade.

## 4.2 PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO

A autora Alecy Alves em suas pesquisas sobre Educação e Preconceito trabalhou numa perspectiva da observância do comportamento da relação entre professores e alunos e, com isso identificou a presença do racismo nas escolas e creches em Cuiabá. Em consonância com essa investigação da autora utilizei como estratégia de pesquisa, procurando estudar o fenômeno dentro do contexto real da escola Abrigo dos Filhos do Povo, usei o método do estudo de caso descritivo passando pela observância, analisando a presença do fenômeno através de instrumentos de coleta de dados.

Fiz uma leitura das Diretrizes Curriculares Nacionais, pois é um documento que norteia as ações teórico-metodológicas do Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Como esse exercício pude construir o questionário(ver anexo)dos professores baseado nesse documento procurando saber se as práticas pedagógicas ocorrem em acordo com as propostas sugeridas. Então o questionário teria que contemplar os temas centrais da discussão. Dentre eles: Ancestralidade, Identidade, Resistência Negra, Identidade Étnico-racial, de Gênero, de Sexualidade, Criança Negra e Auto-Estima, Modo de vida Africano, Resistência Negra no Brasil.

Logo em seguida pesquisei temas sobre auto-estima da criança negra, identidade, relações étnico-raciais na escola, resgate a cultura africana. Construí um formulário pensando em aplicar com os alunos/alunas negros/negras da escola. Depois de elaborado e revisado fui a campo e coletei os dados para, por conseguinte, confrontar o resultado com as teorias estudadas ao longo do trabalho.

### 4.3 RESULTADOS APRESENTADOS

Como já foi exposto anteriormente, foi realizado um questionário a ser respondido pelos professores do turno vespertino, a maioria com quarenta horas de atuação na Escola Abrigo dos Filhos do Povo. Foi constatado que no universo (censo) todos (os quinze professores) sinalizaram que tomaram conhecimento das Diretrizes Curriculares para Inclusão da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, mais da metade afirmou estar bem informado sobre o assunto.

O fato de conhecer esse documento é de fundamental importância no sentido de Salvador ser uma das cidades brasileiras de maior concentração da população negra. Também foi consenso afirmar ser a escola um espaço em que os educadores respeitam a diversidade cultural da sua clientela. Os professores estão cientes que trabalham em um bairro tipicamente negro e buscam aproximar os conteúdos escolares contextualizando-os de modo a não ferir a identidade dos alunos. Numa comunidade negra o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira “passa ser uma exigência” – fala de uma das professoras.

As Diretrizes Curriculares estão sustentadas em três princípios: ancestralidade, identidade e Resistência Negra. Na pesquisa não houve professor que soubesse desses três princípios e em relação aos temas mais gerais e prioritários tais como: Identidade Étnico-Racial, de Gênero e Sexualidade; Criança Negra e Auto-Estima; África e Modo de Vida Africano e Resistência Negra no Brasil, também não souberam responder.

Vou expor a seguir as respostas dadas pelos alunos/alunas negros/negras do quarto e quinto ano. Gostaria de fazer uma consideração preliminar, no turno vespertino existem dois quarto e terceiros anos, sendo selecionado cinco anos de cada turma, totalizando vinte crianças negras (essa amostragem foi do tipo intencional, por tipicidade).

Apesar da característica física da cor da pele de alguns foi verificado, apenas observando o entrevistado, que pela cor da pele seria negro ou pardo, porém mais da metade respondeu “moreno” variação do pardo e outros afirmaram ser “pardo” sendo negro ou pardo.

Foi perguntado se existia algo que gostaria que fosse mudado em si, as respostas foram: nada, os pés, o nariz. Essa pergunta na verdade tinha a intenção de saber se a cor da pele apareceria, mas não houve registro.

Os apelidos das crianças negras não dizem respeito a cor da pele e não houve ocorrência de que a cor da pele nos apelidos aparecem como meio de inferiorização.

A maior parte dos entrevistados afirmou que os professores falam a respeito das relações entre as pessoas de diferentes grupos étnico-raciais. A relação entre as crianças e não negras está sustentada no respeito e alguns afirmaram que não há discriminação por alguém ser negro. Reforçando essa pergunta um dos professores do quarto ano enfatizou que os conflitos presentes e constantes entre eles é a relação de gênero e não de grupos étnico-raciais.

A maior parte dos entrevistados acredita que brancos, negros, índios, japoneses e outras variações étnico-raciais são seres humanos iguais e não devem discutir questões de superioridade entre as pessoas, pois não existem Seres Humanos superiores.

Boa parte dos entrevistados diz conhecer o modo de vida africano, entretanto tem uma visão “primitiva” da África, afirmando ser um lugar onde as pessoas passam fome e matam os bichos para se alimentar.

Em relação às histórias infantis de origem africana ou afro-brasileira foi perguntado se conheciam as histórias: Menina Bonita do Laço de Fita, O Menino Nito, Os Animais da África, a História do Conquém. Uma boa parte afirmou não ter conhecimento sobre elas. Como também foi contatado que mais da metade dos entrevistados já tinham ouvido falar do líder, Zumbi dos Palmares. Eles também confirmaram que os professores da escola contam histórias africanas.

Como confirmaram ter uma relação saudável com os demais colegas é importante ressaltar que a maior parte tem baixa auto-estima, mas pude perceber poucos conflitos em relação a cor da pele. Mas, a maioria afirmou não saber identificar quando alguém está o maltratando devido à cor de sua pele.

Para finalizar as perguntas foi unânime nas frases construídas por eles, que denotassem o respeito às pessoas negras o respeito com o negro; que é preciso respeito porque são



peessoas boas; que devem ser tratados como pessoas normais; quem devem ser chamados pelo nome e não de negros; que não se deve discriminar os negros porque por dentro todos são iguais; que não importa o jeito que a pessoa é, e sim o amor que tem para dar.

Apesar do estudo buscar as relações do fracasso através do fator étnico-racial é importante citar que a declaração da cor da pele informada pelos responsáveis dos alunos/ alunas, em muitos casos não seja fidedigna devido questão de posicionamento e pertencimento a um determinado grupo étnico-racial.

Apesar da apresentação do estudo de caso girar muito entorno das respostas dadas pelos professores e alunos/alunas negros/negras convém citar que na minha concepção enquanto pesquisadora os professores estão se esforçando para realmente atender sua clientela que na maioria é afrodescendente e sabem dosar nas experiências de sala os diversos saberes que acabam contribuindo para a formação moral, psicológica, social dos alunos e alunas negros e não-negros. Não percebi por parte deles algum tipo de aversão sobre a proposta da Pluralidade Cultural e, além disso, tal como já foi colocado, notei que sabem respeita-los em sua humanidade sem discriminar-los por esse ou aquele motivo.

Já no caso dos alunos pude constatar que a formação da sua identidade está em construção e, apesar de não encontrar-mos indícios de manifestações racistas, existem sentimentos de inferioridade, de submissão e incorporação de uma cultura que não representa a sua. Mas um caso em particular me chamou atenção, foi de uma menina negra com características bem marcantes do ponto de vista físico. Conversando com ela pude perceber que não estava se sentindo bem com as perguntas feitas. Daí perguntei se ela queria que eu interrompesse as perguntas. Ela passou a relatar que era alvo de piadinhas de colegas de classe e que muitas vezes os mesmos diziam: “Quem é a menina mais feia da classe?” Todos já sabiam de quem se estava falando. Ficou evidente na sua fala que esse tipo de manifestação tinha relação à cor de sua pele. Esse episódio em específico relevou que o racismo está presente, mesmo este sendo o único caso constatado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Confrontando as idéias e reflexões de diversos autores pesquisados, a realidade de alunos de Mato Grosso - Cuiabá com a realidade da Escola Abrigo dos Filhos do Povo pude perceber que o “lugar” em que ocorrem as manifestações do Racismo pode acontecer na maior/menor intensidade de acordo as características da população existente.

As Diretrizes Curriculares estão baseadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema transversal Pluralidade Cultural na Lei 10.639/03 e apenas um único professor acredita ser possível praticar as orientações do documento sem mesmo ter lido. Será que é possível praticar uma Pedagogia específica sem conhecimento aprofundado de um grupo? Que fundamento teórico subsidiará a prática desse respondente?

Apenas observando uma realidade empírica, inferi que no contexto estudado não houve casos extremos de manifestações racistas por motivo de ser comum nesse bairro o convívio muito forte com a população negra, o que não descarta minha futura pretensão em aprofundar cada vez mais esses fenômenos. A variação étnico-racial entre as crianças no Estado de Mato Grosso se concentra entre uma maioria que se declara parda e outros negros, tendo outras variações com menor representação. Mas por que os casos de racismo nas escolas de Cuiabá encontram-se de maneira mais acentuada? Ao passo que se lançássemos olhares em direção a uma outra escola em um bairro de menor representação da população negra da cidade de Salvador, nos desse outro resultado (grupo de controle). Um professor de uma escola que está inserida em um bairro de população negra relevante é preciso conhecer essa realidade para fazer uma intervenção específica e contextualizada.

As crianças entrevistadas estão imersas num bairro populoso, cercadas de grupos de conscientização e valorização da cultura negra como o próprio Ilê Aiyê , Muzenza , e isso de certo, contribui para a afirmação de muitos em dizer que sente orgulho de ser quem é.

Ainda justificando o resultado encontrado acredito que é importante ponderar a respeito do grupo de estudo escolhido para investigação devido às considerações já colocadas. Por isso se faz necessário testar essa hipótese em outras escolas futuramente que possam confirmar ou negar essa suspeita.

No decorrer do estudo de campo surgiu em uma escola localizada em um bairro de Salvador (nobre), escola privada, um caso em que quatro alunos negros foram chamados a sala da coordenadora pedagógica para prestar esclarecimentos sobre o desaparecimento de dez reais de um dos alunos da escola, no momento da aula de Educação Física. Uma das mães dos meninos recorre na justiça tentando processar a escola e a própria coordenadora pedagógica.

É preciso lutar quantas vezes for necessária tantas vezes ocorram na maior/menor intensidade casos como esses para se criar estratégias e saber lidar com as ocorrências tomando medidas acertadas.

Segundo Mattedi (2007), “... as diferenças nas notas entre negros e brancos tendem aumentar a cada série...” e continua: “ ... Por exemplo, na 4ª série , a média de notas dos alunos brancos é de 14,4 vezes maior do que as dos negros...”. Por que a maior parte do alunado negro se encontra nas estatísticas de baixo desempenho, na lista de evasão e repetência? Pode até não ser pelas questões étnico-raciais, mas também devemos estar atentos para os fatores que realmente levam ao fracasso dessas crianças que já vivem a marginalização na flor da pele (grosso modo) em uma sociedade altamente exclusivista e de pensamento predominantemente hegemônica e conseqüentemente branca.

É necessário observar as atenuantes do fracasso nas crianças negras para assim corrigi-las, combatendo o analfabetismo, o desemprego, a falta de oportunidades, a criminalidade, o ostracismo na população negra brasileira, lembrando que, as crianças de hoje serão parte de um conjunto de indivíduos maduros fracassados na vida por falta de uma educação plural, uma Educação que contemplates sua particularidade e as demais.

As políticas públicas, principalmente de cotas nas universidades, dão acesso, mas não podem evitar que seus alunos/alunas negros/negras passem por situações de desrespeito devido a cor da sua pele, mas os professores são os principais motivadores das relações

étnicas que poderão contribuir de forma significativa na permanência e egresso bem-sucedido desses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alecy. **Racismo na Escola**. Cuiabá: Joomla, 18 nov. 2007. Disponível em <http://www.educacao-ja.org.br/content/view/167/1>. Acesso em: 15 ago. 2008

BENTO, Maria Aparecida Silva; BEGHIN, Nathalie. **Juventude Negra e Exclusão Radical**. Políticas Sociais – acompanhamento e análise. IPEA, ago. 2005. p. 55-79.

CADORIN, Severino. **Monografia e Tese: passo a passo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

**DIRETRIZES Curriculares para Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador**. Prefeitura Municipal de Salvador; Secretaria Municipal da Educação e Cultura. Salvador, 2005. p.81.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 5 ed..São Paulo: Atlas, 2007.

Groppa, Júlio (org.). **Erro e Fracasso: alternativas teóricas e práticas**. 1 ed..São Paulo: Summes, 1997.

MATTEDI, José Carlos. **Agência Brasil**. Estudo confirma que há Racismo nas escolas brasileiras. Salvador: Empresa Brasil de Comunicação. 06 fev.2007. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticiais/2007/02/06/materia.2007>. Acesso em: 28 ago.2008.

MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. [Brasília]: Ministério da Educação, 2001.

OS QUATROS PILARES DA EDUCAÇÃO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998, Cap. 4.

## **ANEXOS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO I

**Sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais (PCN) para a Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador**

**Nome do Educador:** \_\_\_\_\_

1. Você tomou conhecimento das Diretrizes Curriculares para Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Sistema de Salvador?

Sim

Não

2. Você diria que está *bem informado/a*, *mais ou menos informado/a* ou *mal informado/a* sobre o assunto?

Bem informado/a  Mais ou menos informado/a  Mal informado/a

3. O documento referido anteriormente está baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como tema Transversal “Pluralidade Cultural”, na Lei 10.639/03. Você acredita que conhecer o documento sem ter lido, garante aos educadores praticar as orientações teórico-metodológicas para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sim

Não

4. Você diria que na escola em que trabalha existe o respeito à diversidade étnico-racial dos alunos?

Sim

Não

Não Sei

Justifique:

---



---



---



---

5. As Diretrizes Curriculares Nacionais com tema Pluralidade Cultural estão sustentadas em Três Princípios que se relacionam entre si e expressam o Modo de Vida Africano pela população aqui no Brasil. Você conhece tais princípios?

Sim

Não

(Se sim) Quais são eles?

---

---

6. Independente da área do conhecimento a que pertence um tema, alguns assuntos são prioritários e gerais para o desenvolvimento do trabalho educativo nas escolas da cidade de Salvador que contemple o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana. Você tomou conhecimento?

(  ) Sim

(  ) Não

Muito Obrigada!





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO I**

**A auto-imagem da criança negra nas turmas do 4º e 5º Ano do Ensino  
Fundamental  
Escola Abrigo dos Filhos do Povo**

Nome:

---

Ano: 4º ano ( ) 5º ano ( ) Turma: \_\_\_\_\_

1. (Verificar sem perguntar) Cor da Pele:

( ) Preta ( ) Parda ( ) Branca ( ) Outros

2. Você se considera:

( ) negro ( ) pardo ( ) branco ( ) outros

3. Existe alguma coisa em você que gostaria que fosse mudado? (Se sim) Qual?

---



---

4. Você acredita que o fato de ter a cor da pele (citar a resposta dada na questão 2) sofre algum tipo de preconceito ou discriminação?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não Sei

5. Você tem apelido?

( ) Sim ( ) Não

6. O seu apelido tem alguma relação com a cor da sua pele?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não Sei

7. Seu/sua professor/a discute relações entre pessoas brancas e negras?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não Sei

8. Como seus colegas de classe se relacionam com as outras crianças negras da mesma sala?

---



---



---



---

9. Quando vê a imagem do negro nos livros didáticos, revistas, jornais ou TV, você:

- a) Acredita que pessoas negras são inferiores mesmo a pessoas de pele clara e exercem funções menos valorizadas por ser quem são.
- b) Justa, pois os negros têm pouca inteligência e merecem ter uma vida humilhante.
- c) Injusta. Porque negros e brancos, índios, japoneses são seres humanos e de igual importância e não devem discutir questões entre os pares, pois não há superioridade entre Seres Humanos.

10. Você conhece:

a) O Modo de Vida Africano                       Sim     Não

b) Histórias Infantis tais como: Menina Bonita do Laço de Fita, O Menino Nito, Os Animais da África, A Lenda do Conquém entre outras histórias não citadas?

Sim     Não

11. Você já ouviu alguma vez a História de Zumbi dos Palmares?

Sim     Não     Não Lembro

12. Seu/ sua professor/a conta história de origem africana na sala de aula?

Sim     Não

13. Como se sente quando alguém dentro da escola o/a agride verbalmente utilizando palavras ofensivas relacionadas à cor de sua pele?

humilhado                       tem ódio de ser quem é                       sente orgulho de ser como você é

14. Você sabe identificar quando alguém está lhe tratando mal devido à cor da sua pele?

Sim     Não     Não Sei

15. Deixe uma frase que fale do respeito às pessoas negras.

---

---

---

---

---

Muito Obrigada!